

CT Dança e(m) Cultura: poéticas populares, tradicionais, folclóricas, étnicas e outros atravessamentos

Carmen Hoffmann (UFPel)

Eleonora Gabriel (UFRJ)

Lourdes Macena (IFCE)

O CT de Danças populares e outros atravessamentos, oportunizou o compartilhar de assuntos referentes as expressões culturais tradicionais e populares urbanas, trazendo suas demandas e ações exitosas em diversas partes do território brasileiro.

Com um número de inscrição, participação e presença de trinta e um (31) trabalhos sendo destes quatro (4) posters, organizados por temáticas aproximadas, conhecemos por meio do CT um pouco do universo da diversidade cultural brasileira. Discutimos questões dentro da vida orgânica que envolve Educação, formação e práticas artísticas com os saberes populares. Dentro de um tempo mínimo, diante da grande quantidade de trabalhos, tivemos resultados satisfatórios que suscitaram possibilidades de diálogos e dançamos juntos muitos afetos.

Identificamos que, apesar de todos os aspectos legais que envolvem o ensino das danças populares ficou constatado a não presença desta enquanto disciplina permanente a ser cursada de forma obrigatória, nos cursos de formação em Dança, nas universidades com representantes presentes. O que se tem, quando tem, muitas vezes é como disciplina eletiva. São componentes curriculares com uma carga horária mínima que não permitem o conhecimento necessário quanto a todas as questões que envolvem os saberes tradicionais, suas danças na especificidade do que importa saber. Isto é, a partir dos Mestras e Mestres da Tradição e tudo o que isso traz implicado, para além da cena, como o envolvimento com seus sentidos, significados, conhecimento de suas técnicas, formas e contexto, necessário ao egresso em Dança.

Solicitamos aos participantes que trouxessem algum objeto simbólico em sua vida dançante para construirmos juntas o tradicional Estandarte do nosso

Comitê. E saímos em Cortejo celebrando o sucesso, a alegria, a força e a doçura dos saberes ancestrais brasileiros.

Tivemos vários tipos de abordagens e discussões buscando reflexões que possibilitassem desenvolvimento no campo das danças tradicionais populares. Foi muito bom conhecer e saber da Dança Suça, apenas como um exemplo, como expressão da cultura afro-brasileira no Tocantins articulando corpo, canto e ancestralidade como formas de resistência e preservação indo, de certa forma, favorecendo um conhecer desses diversos Brasis que nos chegam nesse nosso caminhar de tudo querer dançar.

Em nosso CT os trabalhos de pesquisa ali apresentados deram ênfase para além da dança em si, trazendo confluências com a preservação do meio ambiente, inclusão de cultura negra periférica e discussões do movimento LGBTQIAPN+ e suas questões nesse universo das culturas tradicionais populares.

Todas as reflexões ali em diálogos compartilhados, destacaram para além das práticas coreográficas, preocupações necessárias em busca de um currículo contracolonial numa abordagem pluriepistêmica destacando iniciativas relevantes, embora poucas ainda, no território brasileiro.

Foi muito importante nesta edição da ANDA, a presença de dois dançarinos livres pesquisadores chilenos descendentes do povo MAPUCHE, com práticas de sua corporalidade, de sua ancestralidade de uma dança que se codifica na essência do seu existir.

Atravessamos por eixos dançantes carnavalescos dos caboclinhos de Goiana/PE ao carnaval do Rio de Janeiro, nessa busca de uma dança de si que manifesta as formas de brincar do povo de cada lugar, com sua especificidade e forma singular que tanto caracteriza este diversificado país que é o Brasil. Nossa latinidade se fez também presente em estudos e relações que destacaram nossos encontros culturais, com semelhanças e diferenças com México, Colômbia e Chile.

Apesar de termos uma boa participação no CT de vários lugares do Brasil, temos observado que no evento da ANDA, existe uma predominância de produção acadêmica em detrimento de oportunidades de relações que podem existir para compartilhar experiências em formato de oficinas para um

1067

aprendizado real de danças tradicionais brasileiras, por parte de Mestras/Mestres e/ou de docentes que trabalham com isso.

Destacamos a necessidade urgente de conhecermos a diversidade dançante brasileira para que isso possa estar em nossas escolas, mas, o que vimos muito abundantemente é uma produção científica a partir disso, sem o conhecimento prático de como a dança em si se traduz corporalmente para serem efetivadas por nossas crianças.

Isso não invalida nada das vitórias alcançadas até aqui, muito pelo contrário, mas, apresenta desafios a todos nós que realizamos este evento, do muito o que temos ainda a fazer.

Nesse momento tão importante de valorização do conhecimento pluriépistêmico, revivado no Congresso Anda 2025, como um profissional professor e ou intérprete da Dança do Brasil não conhece como seu país dança de Norte a Sul, nosso patrimônio cultural, social e político dançante? Esta pergunta continua a nos inquietar.